



**DESAFIOS E POTENCIALIDADES DAS MULHERES DA  
ASSOCIAÇÃO DOS AGRICULTORES FAMILIARES DE SANTO  
ANTÔNIO DO AMPARO - MG (AFASA)**

*CHALLENGES AND POTENTIALITIES OF WOMEN FROM THE FAMILY  
FARMERS' ASSOCIATION OF SANTO ANTÔNIO DO AMPARO - MG  
(AFASA)*

Danielle Pereira Baliza <sup>1</sup>

Roseane Borges Peixoto<sup>2</sup>

Francisco Carlos Pedro <sup>3</sup>

Jucilaine Neves Sousa Wivaldo<sup>4</sup>

Talita Lara Carvalho Nassur<sup>5</sup>

**Resumo:** Em virtude da participação das mulheres em diversos setores da cafeicultura e da pouca valorização e visibilidade do seu trabalho, tornou-se necessário conhecer mais sobre a mulher envolvida com a cultura cafeeira. Afinal, verifica-se que há uma invisibilidade do trabalho realizado pelas mulheres, isto é, as mulheres estão presentes nos trabalhos produtivos dos empreendimentos rurais, mas ainda carregam o peso de serem concebidas nessa esfera apenas como ajudantes do trabalhador masculino. Este trabalho buscou analisar o perfil das cafeeicultoras da AFASA. Foi utilizado um questionário estruturado, para o qual foram selecionadas 24 mulheres que participam da AFASA e produzem café. O estudo possibilitou a visualização dos desafios e das potencialidades das cafeeicultoras, o que representa uma oportunidade em contribuir com o empoderamento das mulheres rurais e sua participação e liderança na economia, que, por sua vez, são essenciais para alcançar o desenvolvimento sustentável e fomentar sociedades pacíficas, prósperas e inclusivas. Esta pesquisa revela que as mulheres produtoras de café da AFASA necessitam de mais oportunidades de estudo, incluindo as capacitações para os trabalhos agrícolas (gestão, orçamento, planejamento das atividades cafeeiras, entre outras capacitações), como aquelas voltadas para o ensino regulamentado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (ensino fundamental, médio e superior). Deve-se também criar meios para que ocorra o aumento da renda dessas mulheres.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cafeicultura; Trabalhadoras Rurais; Inclusão.

<sup>1</sup> Pós-Doutora em Agronomia/Cafeicultura – UFLA – Professora Adjunta do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais – Campus Avançado Bom Sucesso. [danielle.baliza@ifsudestemg.edu.br](mailto:danielle.baliza@ifsudestemg.edu.br).

<sup>2</sup> Graduada em Gestão Ambiental - Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais – Campus Avançado Bom Sucesso. [roseaniborges02@hotmail.com](mailto:roseaniborges02@hotmail.com)

<sup>3</sup> Mestre em Agronomia – UFLA - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (EMATER MG). [francisco@emater.mg.gov.br](mailto:francisco@emater.mg.gov.br).

<sup>4</sup> Mestre em Desenvolvimento Sustentável e Extensão - UFLA, Assistente Social- Prefeitura Municipal de Perdões-MG, [jucilainen@gmail.com](mailto:jucilainen@gmail.com).

<sup>5</sup> Mestre em Literatura e Memória Cultural - UFSJ - Professora Adjunta do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais – Campus Avançado Bom Sucesso. [talita.carvalho@ifsudestemg.edu.br](mailto:talita.carvalho@ifsudestemg.edu.br).

---

**ABSTRACT**

Due to the participation of women in various sectors of coffee production and the low value and visibility of their work, it became necessary to know more about women involved in coffee culture. After all, it appears that there is an invisibility of the work performed by women, that is, women are present in the productive work of rural enterprises, but they still carry the burden of being conceived in this sphere only as helpers of the male worker. This work sought to analyze the profile of the AFASA coffee growers. A structured questionnaire was used, for which 24 women participating in AFASA and producing coffee were selected. The study made it possible to visualize the challenges and potential of coffee farmers, which represents an opportunity to contribute to the empowerment of rural women and their participation and leadership in the economy, which, in turn, are essential to achieve sustainable development and foster societies peaceful, prosperous and inclusive. This research reveals that women coffee producers at AFASA need more study opportunities, including training for agricultural work (management, budgeting, planning of coffee activities, among other skills), such as those aimed at teaching regulated by the Law of Guidelines and Bases of Education (primary, secondary and higher education). Means must also be created so that the income of these women can increase.

**KEYWORDS:** Coffee growing; Rural Women. Inclusion.

## 1 INTRODUÇÃO

O Brasil é o maior produtor mundial de café. Verifica-se que os números da safra de 2020, numa comparação com a safra de 2019, ano no qual a produção atingiu um volume equivalente a 49,30 milhões de sacas de 60kg, cultivadas numa área de 1,812 milhão de hectares, representam um aumento percentual médio de 20% na produção e de 16% na produtividade, respectivamente, a despeito de a área de produção em 2020 ter crescido apenas 4%. Minas Gerais é o maior estado produtor brasileiro com produção estimada em 33,46 milhões de sacas de 60kg, o que representa um aumento de 36,3% em relação a 2019. (COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO - CONAB, 2020). Em Santo Antônio do Amparo – MG, a produção de café destaca-se como sendo a principal atividade do município (IBGE, 2017). Esses dados evidenciam a importância do café para a balança comercial brasileira, para o estado mineiro e para o município de Santo Antônio do Amparo.

O sistema agroindustrial do café no Brasil envolve tanto o trabalho de homens quanto o de mulheres. Nesse contexto, não se pode desconsiderar ou subestimar a atuação das mulheres na cafeicultura brasileira (BALIZA et al., 2018; BALIZA et al., 2017). Ao longo da história, as mulheres têm sido fundamentais, tanto na formação da lavoura, na colheita, na pós-colheita, quanto na pesquisa, na gestão, entre outros setores do sistema agroindustrial do café no Brasil. Nos últimos anos, verifica-se que as mulheres estão ganhando espaço e visibilidade como

---

agrônomas, administradoras, proprietárias, trabalhadoras rurais, meeiras e arrendatárias, entre outras funções (FERREIRA et al., 2018).

No entanto, em muitos casos, as mulheres atuam de forma relevante nos diversos setores ligados à atividade rural, mas não têm reconhecido o valor de seu trabalho, realidade que pode ser comprovada pela pesquisa de Cunha (2006), no qual a autora descreve o trabalho realizado pelas mulheres rurais ontem e hoje. De acordo com a autora, as mulheres nas comunidades faziam de tudo. Elas começavam o dia buscando água da cacimba. Em casa, tinham que fazer café e cuscuz para o companheiro levar para a roça, socar o arroz para o almoço e o jantar, serem enfermeiras quando o filho ficava doente, ajudar as vizinhas quando ganhavam neném, ensinar os filhos a rezar, ir para os terços e novenas. Ainda, tinham que levar a comida para a roça e ficar lá quebrando coco babaçu para ajudar nas despesas da casa. Mesmo diante de tantas tarefas, quando chegava um pesquisador as procurava, as mulheres diziam que não faziam nada. E assim foi ficando mais difícil o reconhecimento da profissão. No cartório, nem perguntavam às mulheres sua profissão, e assim todas as mulheres eram consideradas do lar ou domésticas. Diante disso, é notório que muitas mulheres ainda não reconhecem a relevância do trabalho que desempenham, mantendo-se ancoradas em alguma figura masculina, o que dificulta para que sejam vistas, ouvidas e respeitadas como parte interessada e fundamental para o futuro e a sustentabilidade da cafeicultura (MENEZES, 2015).

Em muitos casos, verifica-se também a invisibilidade do trabalho realizado pelas mulheres, isto é, as mulheres estão presentes nos trabalhos produtivos dos empreendimentos rurais, mas ainda carregam o peso de serem concebidas nessa esfera apenas como ajudantes do trabalhador masculino (SCOTT; CORDEIRO e MENEZES, 2012). Isso se mostra relevante no contexto desta pesquisa porque, embora a mulher tenha uma participação ativa e contínua nas atividades agrícolas familiares, ela ainda é, muitas vezes, considerada apenas uma “ajudante”, alguém que está ali apenas para oferecer auxílio e, dessa forma, seu trabalho não é reconhecido e, pior ainda, ela não recebe remuneração nenhuma pelo mesmo. Este fato pode ser observado no estudo realizado em Rondônia por Macedo e Binsztok (2007), onde os autores verificaram que o trabalho feminino na cafeicultura do estado não apresenta grande visibilidade, pois a mulher possui menos liberdade que o homem, que atua como provedor e administrador, não precisando permanecer em casa para cuidar de crianças e das demais tarefas domésticas. A mulher trabalha com o homem nas atividades agrícolas, além das atividades suplementares, como a ordenha, a caça e a pesca, porém o seu trabalho é considerado apenas como uma forma de ajuda e não como um trabalho em si.

Em virtude da participação das mulheres em vários setores da cadeia produtiva do café e da pouca valorização e visibilidade do seu trabalho, tornou-se necessário conhecer o perfil da mulher envolvida com a cultura cafeeira. Ademais, é necessário realizar estudos que levem em consideração as diversidades regionais, pois a falta de estudos regionais juntamente com a falta de dados oficiais sobre a situação e atuação das mulheres na cafeicultura são alguns dos fatores que dificultam o trabalho da Aliança Internacional das Mulheres do Café - IWCA-Brasil e demais entidades envolvidas nesse processo, as quais lutam pela equidade de gênero na cafeicultura brasileira.

Dentro deste contexto, o presente estudo propõe analisar o perfil das cafeeiras da Associação dos Agricultores Familiares de Santo Antônio do Amparo - MG (AFASA), além de dar visibilidade e conscientizar as pessoas sobre a importância da mulher para cadeia produtiva do café, com o intuito de alcançar maior sustentabilidade do setor cafeeiro.

## 2 METODOLOGIA

O estudo foi realizado no ano de 2017 com cafeeiras ligadas à Associação dos Agricultores Familiares de Santo Antônio do Amparo (AFASA). A AFASA foi fundada em 2008, com sede na cidade de Santo Antônio do Amparo, localizada no Oeste do estado de Minas Gerais. O município conta com 491,725 km<sup>2</sup> de área total, população em torno de 18.000 mil habitantes e altitude média de 1.000 metros ao nível do mar (WIKIPÉDIA, 2013).

A AFASA tem como característica dos associados o uso preponderante de mão de obra familiar no manejo dos cafezais. Quando a pesquisa foi desenvolvida a associação contava com 56 associados. Na cafeicultura familiar, a maioria dos (as) cafeeiros (as) tem a posse da terra contando ainda com cerca de 30% de arrendatários no seu quadro social. Na média, as propriedades possuem 20 ha de área total e 3,5 ha de café (PEREIRA, 2013).

Após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, deu-se início à coleta dos dados. Nesta pesquisa, esse processo foi baseado na aplicação de um questionário estruturado, para o qual foram selecionadas 24 mulheres que participam da AFASA e produzem café. Dessa forma, só fizeram parte deste estudo as mulheres que produzem café e são associadas à AFASA e aquelas que não são associadas, mas que são esposas e filhas dos associados e estão envolvidas com a produção de café.

A seleção das entrevistadas se deu por meio de indicações da AFASA e da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), empresas que conhecem bem todos (as) os

(as) associados (as) e cada uma das respectivas propriedades cafeeiras. Após a identificação das participantes, foi realizado o contato com elas por meio de ligações, nas quais lhes foi explicado resumidamente o motivo e o objetivo da pesquisa, e, em caso de aceite, a entrevista foi agendada e realizada de acordo com a disponibilidade da entrevistada. Antes do início da aplicação dos questionários, houve um momento para esclarecer de forma mais detalhada como seria realizada a pesquisa, bem como a importância do referido estudo para a cadeia produtiva do café. Além disso, assumiu-se o compromisso de esclarecer as dúvidas que poderiam surgir durante a entrevista.

Houve também o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual as entrevistadas assinaram, aceitando participar voluntariamente desta pesquisa, sem nenhum custo, livre de qualquer forma de remuneração e sem identificação em nenhuma publicação que resultasse deste estudo. Portanto, os riscos associados à participação destas mulheres no presente projeto foram mínimos, pois as chances de o diagnóstico gerado nesta pesquisa substanciar especulações na AFASA e nas propriedades rurais, e consequentemente, interferir no trabalho executado por elas no seu ambiente de trabalho, foi praticamente nulo, já que foi guardado todo sigilo quanto à identificação de cada uma das participantes.

O questionário serviu como um guia da conversa, sendo composto por questões comuns a todas as entrevistadas, como dados pessoais, relação trabalho/família e mulher na cafeicultura (realização profissional, visibilidade, desafios, dificuldades, perspectivas, entre outras questões). O material foi elaborado tendo como base os questionários de Meira et al. (2013) e Baliza et al. (2017).

A aplicação dos questionários foi realizada pelo bolsista do projeto sob a supervisão e orientação do professor orientador. Contudo, antes de ter sido iniciado a execução do projeto, um planejamento de todas as atividades previstas foi realizado com os parceiros e envolvidos, no qual foram detalhadas a metodologia para entendimento das atividades, o calendário e os responsáveis por cada etapa.

Os dados levantados pela pesquisa foram tabulados e organizados. Após sua sistematização, os dados foram analisados por meio do software estatístico SPSS (Statistical Package for the Social Scien), que possibilitou a operacionalização das estatísticas descritivas, sob forma de tabelas e gráficos, através das análises de frequência e percentual (HAIR JUNIOR et al., 1995).

### 3 RESULTADOS E ANÁLISES

#### 3.1 Perfil das Agricultoras

A maioria das cafeicultoras (42%) disseram ter entre 46 e 59 anos, e são seguidas por mulheres com idade entre 36 a 45 anos (21%); 13% encontram-se na faixa etária de 60 anos ou mais e também esse mesmo percentual na faixa etária de 18 a 25 anos, enquanto 12% possui entre 26 a 35 anos (FIGURA 1). Em um estudo sobre a dinâmica das relações de gênero na cafeicultura, com ênfase no setor produtivo, realizado no município de Bom Sucesso – MG, os autores entrevistaram 28 mulheres e verificaram que a maioria das cafeicultoras apresentam idade entre 46 a 59 anos conforme Baliza et al. (2017), o que corrobora os achados do presente estudo. No caso da presente pesquisa, também vale destacar que 76% das entrevistadas apresentam idade maior que 35 anos, o que demonstra maturidade das mulheres que participam da AFASA.

Figura 1. Idade das cafeicultoras.



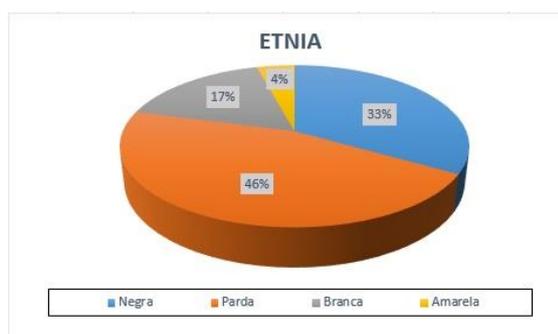
Dentre as 24 cafeicultoras entrevistadas no presente estudo, 54% afirmaram possuir o ensino fundamental incompleto (50%), ou seja, não completaram o 9º ano, ou não são alfabetizadas (4%) (FIGURA 2). Um resultado similar também foi observado em um estudo realizado sobre a dinâmica das relações de gênero na cafeicultura, em que foram entrevistadas 25 mulheres no município da Barra do Choça na Bahia e se verificou que a maioria das entrevistadas (52%) possuía o ensino fundamental incompleto (MEIRA et al., 2013). De maneira geral, nota-se que as cafeicultoras da AFASA possuem baixa escolaridade e necessitam de mais oportunidades de estudo - nenhuma das entrevistadas possui o ensino superior completo.

Figura 2. Escolaridade das cafeicultoras.



A maioria das entrevistadas se declararam pardas (46%), enquanto 33% se alto-denominaram negras. Apenas 17% das cafeicultoras se declararam brancas, e, por fim, somente 4% se consideraram asiáticas (FIGURA 3). Observa-se que o somatório das mulheres pardas e negras chega a 79%. No trabalho realizado no município de Bom Sucesso - MG, com cafeicultoras associadas e outras não associadas à cooperativa, os autores verificaram que a maioria das cafeicultoras não cooperadas se alto-denominaram pardas (57%), diferentemente das cafeicultoras associadas à cooperativa, em que a maioria se declarou branca (71%) (BALIZA et al., 2017).

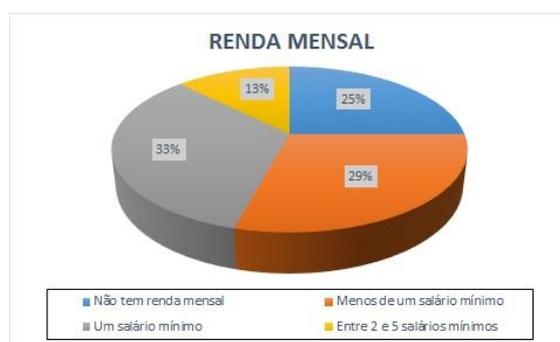
Figura 3. Etnia das cafeicultoras.



Os dados encontrados no presente estudo reforçam os resultados obtidos sobre o perfil das mulheres na cafeicultura das regiões Oeste de Minas e Campo das Vertentes, em que foi constatado que as mulheres pertencentes aos perfis com os maiores rendimentos (professoras, pesquisadoras, seguidas das cafeicultoras) são em sua maioria brancas, enquanto aquelas com menor rendimento (trabalhadoras assalariadas) são representadas, principalmente, por pardas (43,5%) e negras (33,7%) (BALIZA et al., 2018). Esse fato pode ser observado no presente

estudo, onde a renda das entrevistadas é baixa, ou seja, mais da metade das mulheres (54%) afirmaram receber menos 1 salário mínimo ou não possuem renda mensal (FIGURA 4) e o percentual das mulheres pardas e negras chega a 79%. Se na distribuição dos rendimentos dos trabalhadores e das trabalhadoras brasileiras considerarmos a influência da raça/cor, poderá se perceber, em primeiro lugar, a situação desfavorável dos trabalhadores da raça negra no mercado de trabalho e, em segundo, a posição duplamente desfavorável das mulheres negras. Em um contínuo decrescente de rendimentos, os homens brancos vêm em primeiro lugar, seguidos das mulheres brancas, dos homens negros e, finalmente, das mulheres negras (BRUSCHINI; LOMBARDI, 2001/02).

Figura 4. Renda mensal das cafeicultoras.



Com relação à composição do núcleo familiar, verifica-se um maior percentual (83%) de famílias nucleares, ou seja, famílias constituídas pelo casal e seus filhos. Outras 13% declararam que possuem famílias grandes (família nuclear acrescida de outros integrantes, como avós, primos e tios) e 4% declararam que são viúvas (FIGURA 5). A maioria das cafeicultoras (63%) relataram que em suas casas residem entre 4 a 6 pessoas (FIGURA 6), ou seja, a maior parte das mulheres (80%) possuem entre 2 a 4 filhos (FIGURA 7). Situação semelhante foi verificada no estudo que entrevistou 13 mulheres líderes do movimento agroecológico brasileiro em que a autora constatou que mais da metade (61%) das mulheres eram casadas e 69% das entrevistadas havia tido entre 1 e 6 filhos (SILIPRANDI, 2015).

Figura 5. Núcleo familiar das cafeicultoras.

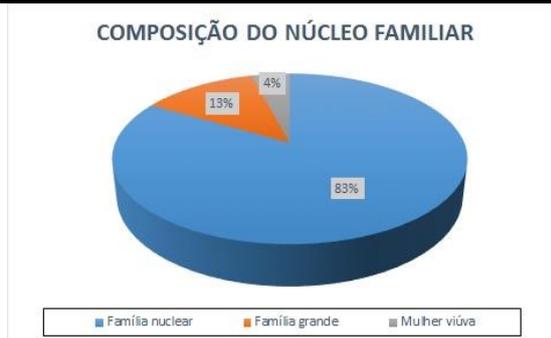


Figura 6. Número de pessoas que moram na casa.



Figura 7. Quantidade de filhos das cafeicultoras.



No que diz respeito à caracterização das mulheres quanto ao “Conhecimento específico da atividade cafeeira”, ou seja, uma estimativa de quantos cursos elas realizaram na área desde que entraram na atividade, a maioria das cafeicultoras (63%) nunca realizou nenhum curso ligado à cafeicultura e/ou a atividades agrícolas, enquanto 25% realizou entre 1 e 2 cursos e apenas 13% realizou de 3 a 4 cursos (FIGURA 8). A maior parte das entrevistadas (67%) atua na área há mais de 8 anos (FIGURA 9), contudo, essas mulheres ainda não realizaram cursos ligados à sua área de atuação. Observa-se também que 54% dessas mulheres possuem o ensino fundamental incompleto ou não são alfabetizadas, ou seja, não completaram o 9º ano, conforme foi disposto na Figura 2.

Diante dessas constatações, verifica-se que as cafeicultoras participantes da AFASA necessitam de maiores oportunidades de estudo. O investimento em formação e capacitação das mulheres rurais para os trabalhos agrícolas pode contribuir para diversificar as opções de trabalho das mulheres, elevar sua renda pessoal e fortalecer sua posição pessoal (TEIXEIRA, 1994).

Figura 8. Cursos realizados pelas cafeicultoras.



Figura 9. Tempo de atuação das cafeicultoras na área

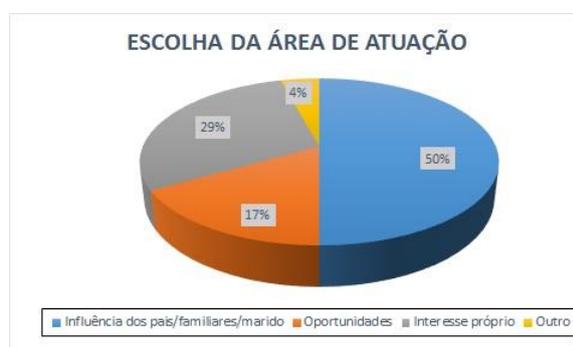


A maioria das mulheres respondentes escolheram a cafeicultura por influência dos pais, familiares ou marido (50%). Outras 29% entraram na área por interesse próprio, enquanto 17% iniciaram suas atividades no setor cafeeiro por oportunidades (FIGURA 10). Ao perguntar às cafeicultoras, no município de Bom Sucesso - MG, por qual motivo elas iniciaram as atividades na lavoura cafeeiras, os autores verificaram que 86% e 72% das cafeicultoras não cooperadas e cooperadas à cooperativa, respectivamente, atuam na área por influência dos pais e familiares (BALIZA et al., 2017), resultado semelhante ao encontrado no presente estudo.

Em relação à pesquisa das narrativas das mulheres atuantes no sistema agroindustrial do café no Cerrado Mineiro, foi constatado que algumas mulheres começaram a exercer as atividades na cafeicultura por influência familiar. Por outro lado, outras entrevistadas não foram

influenciadas por nenhum familiar ou outra pessoa próxima, passando a exercer suas atividades na cafeicultura por interesse próprio, movidas por fascínio pela atividade ou por considerar esse setor economicamente favorável (MENEZES; BOAVENTURA, 2018). Esses fatos corroboram com a pesquisa “Para além do gênero: mulheres e homens em engenharias e licenciaturas”, que apontou diferentes fatores influenciadores na escolha da profissão, com destaque para vontade/decisão própria, influência familiar e boa remuneração (CASAGRANDE; SOUZA, 2016).

Figura 10. Escolha da área de atuação.



A maior parte das cafeicultoras declararam que compraram a propriedade rural (38%), outras 21% são arrendatárias e esse mesmo percentual (21%) de entrevistadas afirmou que as terras são do seu esposo/companheiro. 8% das mulheres são meeiras e outras 8% declararam que a propriedade rural é dos seus pais. Apenas 4% das cafeicultoras recebeu a propriedade de herança (FIGURA 11). Esse resultado difere do encontrado para as cafeicultoras no município de Bom Sucesso – MG, no qual foi constatado que 50% das cafeicultoras recebeu a propriedade rural como herança. Dessas, 15% receberam uma parte da terra de herança e compraram outra gleba, aumentando a área originalmente herdada (BALIZA et al., 2018). Em estudo realizado no Estado do Espírito Santo, foram entrevistadas 154 cafeicultoras e verificou-se que a maior parte das respondentes (87%) detêm a propriedade das terras onde desenvolvem suas atividades laborativas (NADER, 2018). Portanto, poucas são as mulheres entrevistadas que produzem café e que não possuem terras.

Figura 11. Forma de aquisição da propriedade rural.



Quando as cafeicultoras foram questionadas se possuíam ou não o cartão de produtora rural, notou-se que 75% das respondentes afirmaram possuir o cartão, o que corrobora com a sua autonomia e reconhecimento como produtoras rurais (FIGURA 12). No entanto, ressalta-se que, apenas na Constituição de 1988 (BRASIL, 1988), a mulher rural recebeu o estatuto de “produtora rural”, o que lhe possibilitou acesso aos direitos trabalhistas. A partir de então, houve um forte esforço para a sindicalização e documentação das mulheres no campo, pois muitas não tinham nem mesmo carteiras de identidade. Os nomes delas (especialmente enquanto esposas) passaram a constar no Bloco do Produtor, documento onde são registradas as transações comerciais da propriedade agrícola, para que elas, provando serem produtoras rurais, tivessem acesso aos direitos trabalhistas como aposentadoria, licença-maternidade e auxílio-doença (FONTENELE et al., 2018).

Figura 12. Possui cartão de produtora rural.



A maioria das mulheres entrevistadas não mora na propriedade rural (88%) (FIGURA 13). Na análise do perfil das mulheres atuantes na cafeicultura do Campo das Vertentes, foram entrevistadas 92 mulheres que trabalham na colheita do café e constatou que nenhuma delas reside na propriedade, ou seja, todas residem na cidade (BALIZA et al., 2018). O perfil das mulheres entrevistadas reflete, em grande parte, o perfil das mulheres da região, produtoras de

café e/ou apanhadeiras de café no período de safra, o que pode ser verificado no estudo realizado com mulheres atuantes na cafeicultura de Catolés de Cima – BA, onde as autoras observaram que algumas mulheres, além de produzirem café em suas propriedades rurais, também trabalham como safristas durante a colheita do café (AMORIM et al., 2018). Esse fato é comum em várias regiões e também foi verificado no presente estudo.

Figura 13. Cafeicultoras que moram na propriedade.



Com relação à produção anual de café, verifica-se que 46% das cafeicultoras produziram entre 51 a 100 sacas de café beneficiado, enquanto 21% das entrevistadas afirmaram produzir até 50 sacas. Os outros 33% são de cafeicultoras que produzem mais de 200 sacas de café. Rosa (2014) ao realizar um estudo com 31 cafeicultores associados à AFASA, verificou que a produção anual de café por propriedade rural ficou dividida, apresentando as maiores médias entre 51 a 100 sacas (32,3%) e até 50 sacas (32,3%), o que corrobora em parte com os resultados encontrados no presente estudo.

A diversificação da exploração agrícola na propriedade rural é considerada uma boa prática agrícola (ROSA, 2014), além de ser extremamente importante para o aumento de renda das pequenas cafeicultoras. Nesse contexto, de acordo com os dados desta pesquisa, identifica-se que 62% das respondentes diversifica sua produção com espécies leguminosas, gramíneas, entre outras, o que colabora com o aumento da renda dessas mulheres (FIGURA 14).

Figura 14. Diversificação da produção agrícola.



Esta realidade talvez ajude a explicar o fato de 92% das cafeicultoras custearem sua produção com recursos próprios e apenas 8% realizarem financiamentos. Com a diversificação, existe a possibilidade de subsidiar as despesas e, também, de aumentar a renda mensal da família (FIGURA 15).

Figura 15. Recursos financeiros que custeiam a produção.



No que diz respeito à satisfação quanto à qualidade de vida, 67% das cafeicultoras declararam estar satisfeitas, 21% estão muito satisfeitas, enquanto 12% estão pouco satisfeitas (FIGURA 16).

Figura 16. Qualidade de vida das cafeicultoras.



Isto sugere que, apesar das condições adversas as quais essas mulheres encontram (renda e escolaridade baixa), elas não desanimam e continuam realizando suas atividades com satisfação dentro do sistema agroindustrial do café. Resultado semelhante foi observado em um estudo realizado no município da Barra do Choça – Bahia, em que os autores constataram a satisfação das mulheres que trabalham com a cafeicultura. De acordo com os autores desse estudo, as mulheres que trabalham com a cafeicultura possuem autoestima elevada, pois estão

satisfeitas com sua vida, que inclui o trabalho com o café, a família, ter seu próprio dinheiro para comprar o que desejam ou investir em algo novo (MEIRA et al., 2013). Elas querem recompensas não apenas financeiras, mas também “intrínsecas”, tais como satisfação, bem-estar e sensação de colaborar com algo importante (DAMASCENO, 2010).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maioria das cafeicultoras que participam da AFASA são casadas, possuem entre 2 a 4 filhos e se concentram na faixa etária de 46 a 59 anos, o que demonstra maturidade das mulheres ligadas à AFASA. Mais da metade das mulheres recebem menos 1 salário mínimo ou não possuem renda. E a grande maioria das cafeicultoras se autodeclararam de cor parda e negra. Com relação à escolaridade mais da metade das entrevistadas não completaram o 9<sup>o</sup> ano do ensino fundamental e nem realizaram algum curso ligado à cafeicultura. Já no que diz respeito à satisfação quanto à qualidade de vida, a grande maioria das cafeicultoras declararam estar satisfeitas, o que sugere que, apesar das condições adversas que essas mulheres encontram (renda e escolaridade baixa), elas não desanimam e continuam realizando suas atividades com satisfação dentro do sistema agroindustrial do café.

Esta pesquisa revela que as mulheres produtoras de café da AFASA necessitam de mais oportunidades de estudo, incluindo as capacitações para os trabalhos agrícolas (gestão, orçamento, planejamento das atividades cafeeiras, entre outras capacitações), como aquelas voltadas para o ensino regulamentado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (ensino fundamental, médio e superior). Deve-se também criar meios para que ocorra o aumento da renda dessas mulheres. Sugere-se ainda que mais estudos possam ser realizados, abrindo outras possibilidades de pesquisa em direção a uma investigação mais aprofundada sobre a realidade das mulheres que lidam com a cafeicultura, sobretudo aquelas mulheres ligadas às associações familiares como é o caso da AFASA. Isso permitirá sugerir possíveis ações e políticas públicas que possam fomentar uma maior integração visando uma sociedade mais justa e sustentável.

#### REFERÊNCIAS

AMORIM, Maria Salete Souza de et al. O protagonismo das mulheres do café na agricultura familiar: o caso de Piatã e Abaíra, Chapada Diamantina, BA. In: ARZAB, C.; MACIEIRA, J. C.; ARZAB, C.; MACIEIRA, J. C.; MENEZES, R. S. S.; BALIZA, D. P.; MOURÃO, T. F. **Mulheres dos cafés do Brasil. Brasília: Embrapa Café, 2018. p. 246-265.**

CONAB. **Acompanhamento da Safra Brasileira de Café**: primeira estimativa, janeiro 2020. Disponível em: <<https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/cafe>>. Acesso em: 05 jun. de 2020.

BALIZA, Pereira Baliza et al. Perfil das mulheres na cadeia produtiva do café no município de Bom Sucesso – MG. **Revista Gênero**, Niterói, v. 18, n. 1, p. 75-97, jul./dez. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31277/18366>>. Acesso em: 18 maio de 2020.

BALIZA, Pereira Baliza et al. Perfil das mulheres na cafeicultura das regiões Oeste de Minas e Campo das Vertentes no Estado de Minas gerais. In: ARZAB, C.; MACIEIRA, J. C.; MENEZES, R. S. S.; BALIZA, D. P.; MOURÃO, T. F. **Mulheres dos cafés do Brasil**. Brasília: Embrapa Café, 2018. p. 137-159.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF, 1988. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm)>. Acesso em: 17 jun. de 2020.

BRUSCHINI, Cristina.; LOMBARDI, Maria Rosa. Instruídas e trabalhadeiras: trabalho feminino no final do século XX. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 17/18, p. 157-196, mar. 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a07.pdf>>. Acesso em: 10 mar. De 2020.

CASAGRANDE, Lindamir Salete; SOUZA, Ângela Maria Freire de Lima. de L. Para além do gênero: mulheres e homens em engenharias e licenciaturas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 825-850, set./dez. 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ref/v24n3/1806-9584-ref-24-03-00825.pdf>>. Acesso em: 10 maio. de 2020.

CUNHA, M. M. C. Menção Honrosa. In: WOORTMANN, E. F.; MENASCHE, R.; HEREDIA, B. (org.). **Margarida Alves**: coletânea sobre estudos rurais e gênero. Brasília, DF: MDA: NEAD, 2006. p. 24-33. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/pgdr/publicacoes/producaotextual/renata-menasche/woortmann-ellen-fensterseifer-heredia-beatriz-menasche-renata-org-margarida-alves-coletanea-sobre-estudos-rurais-e-genero-brasilia-nead-2006>>. Acesso em: 2 out. de 2020.

DAMASCENO, Luiza Débora Jucá. **Empreendedorismo feminino: um estudo das mulheres empreendedoras com modelo proposto por Dornelas**. 2010. 59 p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Administração de Empresas). Faculdade 7 de Setembro, Fortaleza.

FERREIRA, Williams Pinto Marques et al. Perfil das mulheres que atuam no sistema agroindustrial do café no Brasil (fase 1). In: ARZAB, C.; MACIEIRA, J. C.; MENEZES, R. S. S.; BALIZA, D. P.; MOURÃO, T. F. **Mulheres dos cafés do Brasil**. Brasília: Embrapa Café, 2018. p. 23-38.

FONTENELE, Tania; ARZAB, Cristina; NOGUEIRA, Julia. Trabalho feminino e maternidade nas lavouras de café: um relato a partir da memória oral de mulheres da agricultura familiar. In: ARZAB, C.; MACIEIRA, J. C.; MENEZES, R. S. S.; BALIZA, D. P.; MOURÃO, T. F. **Mulheres dos cafés do Brasil**. Brasília: Embrapa Café, 2018. p. 40-54.

---

HAIR JUNIOR, J. Fet al. **Multivariate data analysis**. 4 ed. New Jersey: Prentice Hall, 1995.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário 2017**. Resultados preliminares. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/santo-antonio-do-amparo/pesquisa/24/76693>>. Acesso em: 9 jun. de 2020.

MACEDO, Giovanni Raimundo; BINSZTOK, Jacob. Associações dos agricultores familiares, cafeicultura orgânica e comércio justo na Amazônia: dilemas e perspectivas. **Revista Nera**, Presidente Prudente, v. 10, n. 10, p. 37-56, jan./jun. 2007. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1422/1400#>>. Acesso em: 02 out. de 2020.

MEIRA, Ariana Lisboa et al. de. Uma abordagem sobre o papel da mulher na cadeia produtiva do café no município da Barra do Choça – Bahia. In: SIMPÓSIO DE PESQUISA DOS CAFÉS DO BRASIL, 8. 2013, Salvador. **Anais...** Brasília: Embrapa Café, 2013.

MENEZES, R. S. S. A sustentabilidade da cafeicultura nas mãos das mulheres. In: CONFERÊNCIA “WOMEN IN THE WORLD OF COFFEE – FOSTERING THE QUIET REVOLUTION”, 2. 2015, Milão. **Anais...** Trieste: [s.n.] 2015.

MENEZES, Raquel Santos Soares; BOAVENTURA, Quezia de Souza. de. Narrativas de mulheres do café no Cerrado Mineiro: trajetórias comuns? In: ARZAB, C.; MACIEIRA, J. C.; MENEZES, R. S. S.; BALIZA, D. P.; MOURÃO, T. F. **Mulheres dos cafés do Brasil**. Brasília: Embrapa Café, 2018. p. 114-134.

NADER, Maria Beatriz. Núcleos femininos de trabalhadoras de café no Espírito Santo. In: ARZAB, C.; MACIEIRA, J. C.; MENEZES, R. S. S.; BALIZA, D. P.; MOURÃO, T. F. **Mulheres dos cafés do Brasil**. Brasília: Embrapa Café, 2018. p. 162-190.

PEREIRA, Sérgio Parreiras. **Caracterização de propriedades cafeeiras com relação às boas práticas agrícolas**: aplicação das análises de “Cluster” e discriminante. 139 p. Tese (Doutorado) Universidade Federal de Lavras, Lavras. 2013.

ROSA, Beatriz Terezinha. **Caracterização das boas práticas agrícolas e roteiro metodológico para a certificação da cafeicultura familiar do Sul de Minas**. 145 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Lavras, Lavras. 2014.

SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda (Org.) Um olhar de gênero e de geração nos universos rurais. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 583-592, maio.-ago. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000200021/22867>>. Acesso em: 02 out. de 2020.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e agroecologia**: transformando o campo, as florestas e as pessoas. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

SOUSA Rúbia; VIEGAS Luciana. Os múltiplos papéis assumidos pela mulher no campo: a territorialidade das agricultoras familiares do assentamento banco da terra - MT. In: COLÓQUIO DO NÚCLEO DE ESTUDOS EM ESPAÇO E REPRESENTAÇÕES, 5. 2013, Cuiabá. **Anais...** Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2013.

BALIZA, Danielle Pereira; PEIXOTO, Roseane Borges; PEDRO, Francisco Carlos; WIVALDO, Jucilaine Neves Sousa; NASSUR, Talita Lara Carvalho.

DESAFIOS E POTENCIALIDADES DAS MULHERES DA ASSOCIAÇÃO DOS AGRICULTORES FAMILIARES DE SANTO ANTÔNIO DO AMPARO - MG (AFASA)

---

TEIXEIRA, Zuleide Araújo. **Perspectiva de gênero na produção rural**. 1 ed. Brasília: IPEA, 1994.

WIKIPÉDIA: Santo Antônio Do Amparo. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Santo\\_Ant%C3%B4nio\\_do\\_Amparo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Santo_Ant%C3%B4nio_do_Amparo)>. Acesso em: 04 abr. de 2017.